

# DEBATEDOR

Maria do Rozário de Fátima Borges Sampaio<sup>1</sup>  
Caroline Sampaio Franco<sup>2</sup>

Neste artigo debateremos dados revelados pela Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil Fiocruz/Cofen, 2013, nos aspectos relacionados ao Mercado de Trabalho, notadamente no tocante a vida útil do profissional, emprego (situação/vínculos/salários) e fidelização à profissão. Conhecer o cenário onde atua a Equipe de Enfermagem e como se comporta o mercado de trabalho onde atuam os profissionais mostra fundamental para embasar o planejamento de políticas direcionadas a esses profissionais.

O ambiente de trabalho na área de saúde tem se mostrado cada vez mais complexo à medida que aumentam os reflexos das mudanças sociais na comunidade. Para fazer face a essa realidade os serviços de Enfermagem vêm sendo chamados a responder a desafios cada vez maiores, a enfrentar novas demandas e necessidades de cuidados da população, e a estar preparados para atuar de forma autônoma através da tomada de decisões em situações que envolvem indivíduos e comunidades, ao tempo que atuam em colaboração com outros atores sociais que compõem as equipes de saúde<sup>(1)</sup>.

A inserção dos profissionais de Enfermagem no mercado de trabalho tem sido estudada, seja do ponto de vista do crescimento quantitativo dos egressos do sistema de formação, seja do local de inserção no campo da saúde, ou ainda da remuneração recebida por estes profissionais. A partir de meados da década de 1980, começou a ser observado o aumento da demanda por profissionais de enfermagem no mercado de trabalho na área de saúde. O período pode ser relacionado a políticas públicas de saúde implantadas no Brasil e que requeriam profissionais de enfermagem para a sua implementação. Destas podemos destacar o Programa de Agentes Comunitários de Saúde, oficialmente criado pelo Ministério da Saúde em 1991, e incorporado ao Programa de Saúde da Família em 1994. Nesse Programa a composição da equipe requeria além do Agente Comunitário de Saúde a presença de um Enfermeiro e um Auxiliar de Enfermagem.

A ampliação do mercado de trabalho pela criação do Sistema Único de Saúde (SUS) demandou a abertura de novos cursos de formação na área de saúde, notadamente Cursos de Graduação em Enfermagem. Esses cursos foram criados majoritariamente no setor privado, sem levar em

conta as necessidades regionais e nem sempre atendendo as diretrizes curriculares nacionais para a formação de profissionais de Enfermagem de nível superior<sup>(2)</sup>. Estima-se que atualmente são formados no Brasil mais de 40 mil profissionais de Enfermagem por ano, nas mais de 1000 escolas de enfermagem que nem sempre tem as condições e a qualidade requerida para a formação de profissionais preparados para o desempenho da profissão, que requer conhecimento científico, habilidades técnicas e atitudes comportamentais que vão além do processo saúde-doença.

As mudanças no mercado de trabalho em enfermagem refletem as modificações dos processos de trabalho no modelo econômico capitalista, que exige profissionais com perfil alicerçado em habilidades cognitivas, técnicas especializadas e comportamentais<sup>(3)</sup>. Essas mudanças aumentam a competitividade para o ingresso no mercado, e são causa de preocupação dos profissionais recém-formados e dos que se encontram fora do mercado; seja pelas exigências cada vez maiores relacionadas a adoção de modelos de formação e de gestão da força de trabalho, baseadas em competências profissionais tais como produtividade e qualidade, capacidade de trabalho em equipe, flexibilidade, e autonomia, entre outros; seja pela necessidade de maior qualificação profissional.

A escassez de concurso, que democratiza a entrada de profissionais, e a necessidade de indicação para vagas (de amigos, ex-professores ou política) também são apontados como dificultadores para o acesso ao emprego. A questão salarial também é apontada como fator de desinteresse em ingresso na profissão, pois além dos baixos salários, para muitos que completaram sua qualificação, não compensa mudar de cargo porque a diferença salarial é muito pequena e o nível de exigência na nova categoria muito maior.

## Vida útil do profissional de Enfermagem

Os dados da Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil em 2013, mostram que no Mercado de Trabalho brasileiro laboram majoritariamente profissionais de Enfermagem jovens, dos quais 38% tem entre 26 e 35 anos de idade e se formaram há até dez anos (53,20%); ou seja, são profissionais que estão

<sup>1</sup>Enfermeira. Mestre em Enfermagem. Especialista em Enfermagem em Saúde Pública. Docente Aposentada do Curso de Enfermagem da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Conselheira do Conselho Federal de Enfermagem. fatima\_sampaio@bol.com.br

<sup>2</sup>Enfermeira. Especialista em Enfermagem do Trabalho. Residente em Enfermagem Obstétrica da UFPI.

iniciando sua vida profissional ou ainda completando sua qualificação para o exercício, em cursos de especialização “latu sensu”, ou de aperfeiçoamento. Chama a atenção ainda, que na faixa etária entre 36 e 50 anos de idade estão 40% dos profissionais de Enfermagem. Portanto, pode ser afirmado que 93,20% dos profissionais de Enfermagem em atividade no Brasil tem entre 26 e 50 anos, o que revela uma categoria profissional jovem, e que aos 50 anos de idade já atingiu a maturidade profissional, tendo feito suas escolhas profissionais, se qualificado para o trabalho e atingido potencialidades que permitem contribuir positivamente com a profissão.

É importante ressaltar que cerca de 80% dos profissionais de Enfermagem fez alguma modalidade de pós-graduação, seja através de curso de atualização, aperfeiçoamento ou especialização. Portanto, além de uma categoria jovem a Enfermagem é uma profissão qualificada para o exercício profissional. Essa busca por uma maior qualificação vem de encontro às necessidades do mercado de trabalho que busca cada vez mais profissionais qualificados e preparados para lidar com o desenvolvimento tecnológico e científico dos processos de trabalho. Essa exigência do mercado influencia a Enfermagem a repensar sua forma de atuar e a ampliar seu campo de atuação na busca de novos modelos e cenários de prática, modificando dessa forma o modelo tradicional que predominantemente tinha inserção no espaço hospitalar.

Um dado, porém, chama a atenção ao analisarmos a Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil Fiocruz/Cofen, 2013, que apenas 2,1% dos profissionais de Enfermagem esteja laborando após 60 anos de idade, ou seja, bastante qualificado, no apogeu de sua capacidade intelectual, o profissional de Enfermagem opta pela aposentadoria ou por outra atividade profissional que o afasta da área de enfermagem. As razões que justificam esse afastamento ainda não estão suficientemente esclarecidas e necessitam de mais estudo para serem compreendidas. Há uma premente necessidade de se buscar estímulo para manter esse profissional inserido no cenário profissional, para que contribua com seu conhecimento e experiência para o desenvolvimento da profissão.

### **Situação de emprego, vínculos empregatícios e salário dos profissionais de Enfermagem**

Na década de 1980, o mercado de trabalho da Enfermagem era incipiente; com a ampliação dos postos de trabalho, especialmente dos serviços de saúde vinculados ao SUS a

partir da década de 1991, houve uma expansão expressiva dos cursos e vagas em escolas de formação de profissional, notadamente nas regiões sul e sudeste. A possibilidade de ascensão profissional, a mudança de status dentro da equipe e a empregabilidade foram fatores que impulsionaram esse crescimento, apesar dos baixos salários serem pouco atrativos.

A Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil Fiocruz/Cofen, 2013, aponta que cerca de 10,1% de profissionais de Enfermagem estão, ou estiveram, no último ano em situação de desemprego. Entre os fatores apontados para a dificuldade de inserção no mercado de trabalho podem ser citados: falta de experiência profissional; falta de concursos públicos; pequena oferta de empregos em tempo parcial. Também chama a atenção o expressivo quantitativo de profissionais, 6,6%, que citou a idade como um fator para o acesso ao mercado.

A pouca experiência profissional apontada como barreira de acesso ao mercado de trabalho, é um grave alerta, se considerarmos que a Pesquisa abordou egressos de cursos de formação presencial, onde as situações de aprendizagem foram além das teóricas, as situações de prática; visto que se espera que o profissional de Enfermagem ao ingressar no mercado possua minimamente competências para atuar nas quatro dimensões básicas do processo de cuidar: assistência, gerência, educação e pesquisa. No atual momento pelo qual passa a educação no Brasil, com implantação de cursos na modalidade de Educação a Distância (EAD), podemos inferir que esse quadro tende a se agravar. Também a questão da idade como uma barreira para o acesso ao mercado, deve ser uma razão de preocupação, se considerarmos que há estudos que apontam alto percentual de egressos de cursos de formação numa faixa etária maior que 40 anos<sup>(2,4)</sup>.

A Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil Fiocruz/Cofen, 2013 aponta que majoritariamente a Enfermagem está inserida em espaços institucionalizados sejam públicos, privados ou filantrópicos. Ainda são poucos os profissionais (menos de 2,0%) que se aventuram a atuar como profissionais liberais ou a abrir sua própria empresa. Inserida predominantemente na administração pública as formas de vinculação são múltiplas e dependem da esfera de poder a qual o cargo está adscrito. Porém independente de ser federal, estadual ou municipal o maior contingente de profissionais tem vínculo considerado mais estável, seja estatutário ou celetista. Nos últimos anos, entretanto, se observa o aumento da precarização desses

*“É importante ressaltar que cerca de 80% dos profissionais de Enfermagem fez alguma modalidade de pós-graduação.”*

vínculos com a contratação de profissionais como prestadores de serviços ou contratos por tempo determinado, o que traz maior rotatividade da mão de obra e pode comprometer a qualidade da assistência.

Entretanto os dados que mais despertaram preocupação na Pesquisa são os relativos a salários dos profissionais de Enfermagem. O maior número de profissionais se concentra na faixa entre um salário mínimo e R\$ 2.000,00 (47,6%), e apenas 1% dos profissionais declara rendimentos mensais superiores a R\$ 7.000,00. Essa realidade independe do grau de formação e qualificação profissional do trabalho desenvolvido por esses profissionais, da jornada e modalidade da instituição que atuam.

Ao analisar a variação salarial dos profissionais fica evidente que os valores pagos não levam em conta a importância das atividades desempenhadas e nem o extenuante trabalho executado. E apesar dos dados apontarem que 63,7% dos profissionais tem apenas um emprego, encontramos profissionais com dois e até três vínculos, sem, contudo, aumentar substancialmente seus rendimentos. E fica ainda mais evidente que a sobrecarga de trabalho resulta no adoecimento e exaustão de um considerado contingente de profissionais sem, contudo, promover melhorias salariais.

#### Fidelização da categoria de Enfermagem à profissão

A profissão de Enfermagem vem conquistando cada vez mais respeito e credibilidade no mercado de trabalho brasileiro, mesmo considerando todas as dificuldades

econômicas e financeiras, é considerada como de futuro promissor, garantindo prestígio e sucesso social e levando muitos pais a estimularem e a apoiarem a escolha dos filhos pela profissão.

A Pesquisa aponta que 4,9% dos profissionais se afastaram temporariamente ou definitivamente da atividade profissional, sem que tenha conseguido estabelecer as causas desse afastamento. São citados como causas do afastamento dos profissionais do mercado: cansaço físico e mental, trabalho repetitivo, pouco tempo para o repouso, condições inadequadas de trabalho, fatores estes muitas vezes decorrentes da busca por múltiplas jornadas e conseqüentemente maiores salários para atender as exigências capitalistas de um padrão de vida mais elevado. Também a constante necessidade de aprimoramento profissional para atender as exigências do mercado, de conhecimento, habilidades e capacidade de enfrentamento de situações novas e desafiadoras no cotidiano profissional são fatores de desmotivação e insatisfação<sup>(2)</sup>.

Entretanto se considerarmos que um alto percentual de profissionais de enfermagem já atua na área antes da graduação, e que auxiliares e técnicos de Enfermagem, ao decidir se qualificar em um curso superior buscam a Graduação em Enfermagem, deve-se buscar estratégias de motivação baseadas na ética, na solidariedade, no compromisso profissional, no respeito, e na coparticipação dos profissionais na construção da profissão de Enfermagem.

#### REFERÊNCIAS

1. Souza AMA, Aguilar RAL, Jurado MAG. Los nuevos profesionales de la Enfermería para el siglo XXI. Rev. Metas Enferm. 2015; 18(5): 24-31.
2. Colenci R, Berti HW. Formação Profissional e inserção no Mercado de Trabalho: percepções de egressos de graduação em enfermagem. RevEscEnferm USP. 2012; 46(1): 158-86.

3. Ferreira ACM, Sá FA, Shiratori K, Abreu SG, Cavalcante TA, Louro TO. Enfermagem: perspectivas de inserção de egressos da graduação no mercado de trabalho. Rev Meio Amb Saúde. 2007; 2(1): 151-65.

4. Jesus HJ, Gomes DC, Spillere LBB, Prado ML, Canever BP. Inserção no mercado de trabalho: trajetória de egressos de um curso de graduação em enfermagem. Esc. Anna Nery RevEnferm.[online] 2013; 17(2): 336-45.